

Ainda não explorei o local onde appareceram estes fragmentos, que foram recolhidos ao acaso e me enviaram para aqui.

É tal a quantidade de tijolos, que hoje fazem muros com elles.

Villa Real, 28 de Fevereiro de 1902.

HENRIQUE BOTELHO.

A xorca de ouro de Cintra

Lembrar-se-hão os leitores da magnifica xorca de ouro, achada em Cintra, de que lhes fallei n-*O Arch. Port.*, II, 17, num artigo acompanhado de um desenho da mesma¹. Esta xorca era não só o mais bello objecto archeologico de ouro que existia em Portugal, mas de certo, pelo seu peso, — 1:262 grammas! —, um dos mais ricos que havia! Pois dou aos leitores hoje a triste nova de que esta preciosidade, que convinha que ficasse em um museu portuguez, foi por seu antigo dono vendida ha meses a um museu de Londres!²

D'esta catastrophe, — que não posso empregar outro nome —, são varios os culpados. Não quero porém entrar em pormenores. O antigo possuidor da xorca tentou, é certo, vendê-la cá; ninguem comtudo o attendeu: uns achavam caro o objecto, outros não lhe ligavam maior importancia, outros parece que até se riram! Realmente o preço pedido a principio (em 1895) era exorbitante: 4:000\$000 réis! E elle tambem me aterrou a mim; todavia, para o fim, tinha baixado até 2:000\$000 réis, e mesmo baixaria a 1:800\$000 réis, segundo o que me consta.

No commercio nem sempre ha prudencia: é por isso que muitas cousas archeologicas se perdem. Se o dono do xorca tivesse pedido logo de comêço um preço razoavel, eu tê-la-hia adquirido para o Museu Ethnologico; mas o preço pedido era de mais! Ainda assim, as pessoas que podiam resolver o assunto não o resolveram, e o possuidor, que não é dado a estudos archeologicos, nem estava bem no caso de avaliar se da aquisição ou não aquisição da xorca adviria gloria ou desdouro para a historia da archeologia nacional, e que além d'isso se sentiu desanimado por bater em vão a muitas portas, aproveitou o melhor ensejo de venda que se lhe offereceu, e cedeu a xorca a um museu estrangeiro por 2:000\$000 réis.

Fique exarada aqui a menção d'este desastre, a ver se de futuro se evitam outros semelhantes.

¹ Cfr. tambem *Boletim* dos Archeologos do Carmo, VII, (3.^a serie), p. 77.

² Não sei a qual, mas talvez ao Britannico, que é aonde vão em geral parar todas as obras primas da arte, da archeologia e da bibliographia, que escapam a outros museus ou bibliothecas.

Para preencher o logar que a xorca de Cintra devia occupar archeologicamente num museu do estado, temos de nos servir agora de um desenho ou de uma reproducção galvanoplastica; é verdade que isso está de acordo com os nossos habitos, pois costuma dizer-se que Portugal vende a cortiça aos estrangeiros para depois lhes comprar as rolhas!

J. L. DE V.

Notas de Archeologia Artistica

4. Ainda Bugareo

O meu prezado amigo o Sr. Commendador G. J. Carlos Henriques, que com tanta dedicação estuda as antiguidades de Alemquer, sua patria adoptiva, informa-me de que na freguesia de Santa Quiteria de Meca existe, e existia já em 1601, um casal denominado *dos Bugareos*.

E sabe-se que existia já em 1601, porque nesse anno lavrou o tabellião de Alemquer, Antonio Barbosa, uma escriptura pela qual um barbeiro, morador ao Carvalhal de Meca (Santa Quiteria), vendeu a Ruy Dias de Meneses, fidalgo da casa real, morador em Lisboa, duas terras no sitio *dos Bugareos*.

Relacionar-se-ha porventura esta designação com o artista a quem me referi a pag. 66-67 do vol. vi d'*O Arch. Port.*? Proximo da Batalha, em cujas obras trabalhou Boytac, ha um logar com o nome de *Boutaca*, derivado, provavelmente, do appellido do celebre architecto.

Ruy Dias de Meneses é personagem conhecida, e cuja existencia ficou largamente assignalada nos documentos officiaes do tempo. Era, effectivamente, fidalgo da casa d'el-rei, e escrivão da fazenda real, encarregado, como seu pae e seu avô, da repartição dos mestrados e ilhas. No tempo de Filippe II (de Portugal), a cujo conselho pertenceu, desempenhou o cargo de secretario dos despachos e mercês, cumulativamente com o de secretario de estado da repartição da India, Brasil, Mina e Guiné. Em 1632 foi jubilado «por estar mui surdo»; e em Junho de 1633 era já fallecido. Seu pae, Duarte Dias de Meneses, que fôra secretario da casa d'el-rei D. Sebastião, e do seu conselho, morreu em Alcacer Kibir, onde lhe ficou um filho captivo, o qual acabou a vida no captiveiro ¹.

JOSÉ PESSANHA.

¹ Vid. *Corp. Chronol.*, parte I, maço 112, doc. 128;—D. Filippe I, liv. 5.º de *Doações*, fl. 113 e liv. 6.º, fl. 215;—Filippe II, liv. 20.º de *Doações*, fl. 187 v, liv. 21.º, fl. 79 v, liv. 23.º, fl. 158 v, liv. 26.º, fl. 93, e liv. 35.º, fl. 146;—e D. Filippe III, liv. 26.º de *Doações*, fl. 115.